



Os acontecimentos de rotina nos noticiários local e policial¹

Ana Carolina Soares Costa²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas

Resumo

Este trabalho busca identificar quais os tipos de acontecimentos que temos nas editorias de Cidade e de Polícia nos noticiários impressos atualmente. Partindo da afirmação de Chaparro de que a maioria esmagadora dos conteúdos jornalísticos produzidos diariamente pelos veículos “são relatos ou análises de acontecimentos planejados e controlados por instituições ou pessoas que decidiram promovê-los, sabiam como fazê-lo e tinham competência e credibilidade para isso” e da de Molotch e Lester de que a grande maioria dos acontecimentos que aparecem na imprensa diária são de rotina, analisamos quais os tipos de notícias que temos no jornalismo brasileiro moderno a fim de comprovar ou não as idéias dos autores. Também propomos uma reflexão sobre o papel do assessor de imprensa no contexto atual. Em análise, o mais tradicional jornal impresso mineiro: o Estado de Minas.

Palavras-chave

Acontecimentos de rotina; assessorias de imprensa; fontes de informação.

As fontes de informação na era da assessoria de imprensa

Atualmente, no cenário moderno ou pós-moderno, como alguns denominam, os acontecimentos que são noticiados em grande maioria são planejados e promovidos por fontes que sabem como fazê-los e têm competência e credibilidade para isto (CHAPARRO, 1996). Molotch e Lester (1999) chamaram estes fatos de acontecimentos de rotina, que

são distinguíveis pelo facto de o *happening* subjacente em que presumivelmente se baseiam serem realizações intencionais e pelo facto das pessoas que se encarregam do *happening* (a que chamamos “os executores” ou *effectors*) serem idênticas àquelas que os promovem em acontecimentos (p. 42)

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior.

² Aluna de graduação do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da PUC Minas. Bolsista de Iniciação Científica e integrante do grupo de pesquisa da instituição, cadastrado no CNPq: “Aspectos teórico-conceituais da Comunicação Organizacional”. Contato: anacarolsco@gmail.com



Estes eventos são promovidos pelo o que os autores chamam de promotores de notícia. Molotch e Lester (1999) delegaram a três agências principais a constituição dos acontecimentos. Para eles existem: os promotores de notícia (*news promoters*); os *news assemblers*, classe da qual todos os profissionais do campo jornalístico que participam da produção das notícias estariam enquadrados; e os consumidores de notícias (*news consumers*). Os autores explicam que:

Cada agência incorpora sucessivamente o mesmo tipo de trabalho de construção, baseado em propósitos que determinam dadas necessidades de acontecimentos. Mas o trabalho levado a cabo em cada ponto bloqueia ou inibe um grande número de possibilidades de criação de acontecimentos. Neste bloqueio reside o poder do trabalho jornalístico e toda a actividade de informação. (MOLOTCH; LESTER, 1999, p.38)

Grande parte destes promotores de notícias tem relação com o fenômeno que chamamos de “profissionalização das fontes”, ou “revolução das fontes”³. Como nos conta Neveu (2003), a metáfora da fonte de informação causa muitos mal-entendidos atualmente. Isso porque recorrer à fonte sugere um comportamento ativo do jornalista que busca se abastecer de um gênero (água ou informação) naturalmente disponível. Esta nomenclatura condiz com as imagens do repórter curioso, o que indica uma versão errônea do relacionamento fonte/jornalista, não porque os profissionais da informação sejam desprovidos de iniciativa para desvendar informações escondidas e, sim, porque as fontes são, hoje em dia, particularmente ativas. Santos (1997) reafirma o que Neveu diz

A prática produtiva dos profissionais dos meios de comunicação deixa para trás a idéia do jornalista à procura de notícias e do redactor que selecciona a informação da agência, para dar lugar a toda uma série de intermediários que se ocupam em manter as redacções informadas da actividade administrativa, económica, política e sindical dos organismos para que trabalham, (p. 40).

Estas afirmações representam bem o tal fenômeno – “profissionalização das fontes” – que, aqui no Brasil, ganhou força em meados da década de 90, quando as indústrias de comunicação de massa se viram às voltas com ajustes financeiros e os profissionais especializados no tratamento da informação – os jornalistas – começaram

³ Conforme nomenclatura de Manuel Chaparro.



a migrar para as assessorias de imprensa e para as organizações (MAFEI, 2004). Hoje em dia, estima-se que em São Paulo, as empresas do ramo de assessoria empreguem, pelo menos, 50% dos jornalistas que atuam no mercado (DUARTE, 2003). Segundo estimativas da Federação Nacional dos Jornalistas (1999), só em 1998, o setor cresceu mais de 15%. Mas efetivamente o que são as fontes de informação para o fazer jornalístico?

Como afirma Fairclough citado por Meditsch e Segala (2005), a narrativa jornalística é fortemente marcada pela intertextualidade e seus enunciados, quase sempre, possuem um sentido polifônico: não só o jornalista fala, ele mescla sua fala com discursos produzidos por outros atores. Isto porque os jornalistas não conseguem relatar tudo o que acontece através de suas próprias impressões, dado que não podem presenciar todos os fatos noviciáveis. Assim, entra em cena a fonte de informação jornalística, que conforme palavras de Gans citado por Santos (1997, p. 32) é a “pessoa que o jornalista observa ou entrevista e a quem fornece informações enquanto membro ou representante de um ou mais grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de outros setores da sociedade”. Pinto (1999) diz que as fontes são pessoas, grupos, instituições sociais, ou vestígios – falas, documentos, dados – preparados, construídos ou deixados por aqueles.

Hoje em dia, esta instância privilegiada de mediação social que o jornalismo constitui é disputada por fontes organizadas e profissionalizadas que complexificaram os processos sociais de recolha e seleção das notícias (PINTO, 1999). Entre estas fontes, se destacam as organizações públicas, os políticos e as entidades de classe, como sindicatos e partidos políticos. Conforme Sigal citado por Santos (1997), “numericamente a parcela mais importante de informação é das fontes autorizadas do governo. Representam cerca de metade das fontes citadas”, (p. 27). Mafei (2004) esclarece que os assessorados da área pública, como o governo, sabem que é o caráter fiscalizador que pauta as matérias sobre o setor. Segundo a autora, “por intermédio da imprensa, os poderes constituídos prestam conta das ações à população e esse é o objetivo principal de uma assessoria de imprensa para esse segmento”, (p. 55). E é, por isso, que eles não entregam esta função nas mãos de profissionais incapacitados. No cenário contemporâneo, são profissionais especializados e muitas vezes mais capacitados que os próprios jornalistas que têm a missão de posicionar estes personagens perante a opinião pública. E eles têm conseguido digamos “irritar” os



meios de comunicação, já que como mostraremos mais adiante, os acontecimentos programados têm garantido grande espaço no noticiário local.

Estes atores sociais – fontes oficiais – fazem parte do que Hall et al (1999) chamam de definidores primários. Segundo os autores, os meios de comunicação não criam autonomamente as notícias, eles são dependentes de assuntos noticiosos específicos fornecidos por fontes institucionais regulares e credíveis. De acordo com Hall et al, dois motivos interferem na utilização rotineira das fontes institucionais: as pressões internas da produção jornalística; e o fato do trabalho jornalístico estar orientado pelas noções de “imparcialidade”, “equilíbrio” e “objetividade”. Isto significa que as pressões do tempo e a escassez de recursos levam as organizações jornalísticas a dar preferência à cobertura de acontecimentos pré-agendados. E também, por ter que obedecer a essas regras de neutralidade, os meios de comunicação tendem a assegurar que suas afirmações sejam objetivas e autorizadas por fontes dignas de crédito. Os grupos considerados como dignos de crédito pela classe jornalística o são porque têm poder e posição institucional, mas também porque representam pessoas ou grupos de interesse. É o que Becker chamou de “hierarquia de credibilidade”, que é

A probabilidade daqueles que em posições poderosas ou de elevado *status* na sociedade, e que dão opinião sobre tópicos controversos, de terem suas definições aceites, porque tais porta-vozes são considerados como tendo acesso a informação mais precisa ou especializada em assuntos particulares do que a maioria da população, (BECKER apud HALL ET AL, 1999, p. 229)

Assim, a consequência é que estas fontes mais dignas de confiança passam a ser os definidores primários (*primary definers*) dos tópicos tratados nos produtos jornalísticos. Para os autores, os outros atores sociais têm espaço no noticiário, mas os definidores primários que estabelecem a definição ou a interpretação primária do tópico em questão. Esta definição inicial comandaria então todas as possíveis repercussões do assunto. Ela fixaria todo o tratamento posterior em termos de referência à cobertura feita anteriormente (HALL ET AL apud SANTOS, 1997). Mas dentro dessa nomeação “fontes credíveis” que atores figurariam? Segundo Hall et al citados por Santos (1997), formariam este seleto grupo de definidores primários os 1) representantes das principais instituições sociais; 2) o poder institucional (fontes “autorizadas”); 3) o “estatuto representativo”: deputados, ministros, outros funcionários de estado e grupos de interesse organizados (sindicatos, patronato); e 4) os especialistas.



Há que se ressaltar também que não só algumas fontes são mais poderosas na rotinização do acesso noticioso e na formação do debate público, esse fator também está presente no acesso dos meios às fontes. Como afirma Villafañe citado por Santos (1997) “há uma hierarquia de poderes em que se disputam jornalistas e meios de comunicação influentes. As fontes têm acesso diferencial aos meios de comunicação, e estes têm acesso diferencial aqueles”, (p. 42).

O tipo de relação entre jornalistas e fonte na produção noticiosa também interfere na construção da mesma como contam Ericson, Baranek e Chan (1989)

A notícia é um produto das transações entre jornalistas e suas fontes. A primeira fonte da realidade para as notícias não é a realidade tal como se mostra ou como aconteceu. A realidade das notícias encaixa-se na natureza e tipo de relações sociais e culturais que se desenvolvem entre jornalistas e as suas fontes, (p. 377) (tradução nossa)⁴

Ericson, Baranek e Chan ainda afirmam que “fontes e jornalistas parecem estar ligados por relações que pressupõem diferentes níveis de variação, os quais dependem do tipo de organização das fontes e do tipo de organização das notícias”, (ERICSON, R. V; BARANEK, P. M; CHAN, J. B. L. apud PINTO, 1999). Gieber e Jonhson citados por Alsina (2005) descobriram três tipos de relação entre os jornalistas e as fontes. São elas: 1) a relação de total independência entre a fonte e o jornalista; 2) a relação de cooperação da fonte e do jornalista; e a 3) a relação onde praticamente a fonte faz a notícia. Segundo os autores, encontramos o primeiro tipo de relação no chamado jornalismo investigativo, onde o repórter procura fontes alternativas para sua reportagem. O segundo tipo de relação ocorre quando a fonte e o jornalista têm alguns objetivos em comum – “um precisa que uma determinada informação seja publicada no jornal e o outro precisa conseguir notícias para satisfazer os seus superiores e vender jornais ou aumentar a audiência”, (p. 189), (tradução nossa)⁵. O terceiro tipo de relação identificado pelos autores é aquela que há quando praticamente a fonte faz a notícia. Este tipo tem atualmente proliferado cada vez mais nos jornais brasileiros e de outros países. Segundo Alsina (2005), na seção “Espanña”, do jornal EL PAÍS, se publicam todos os dias, em média, 12 notícias deste tipo frente a quatro buscadas pelos jornalistas

⁴ Texto original: “News is a product of transactions between journalists and their sources. The primary source of reality for news is not what is displayed or what happens in the real world. The reality of news is embedded in the nature and type of social and cultural relations that develop between journalists and their sources”.

⁵ Texto original: “uno necesita que una determinada información se publique en el periódico y outro necesita obtener noticias para satisfacer a sus superiores y vender diários o aumentar la audiencia”.



do veículo. Encaixam-se neste tipo de informação, as produzidas principalmente pelas assessorias de imprensa dos chamados “definidores primários” de Hall et al (1999).

Alsina explica que

As pessoas que trabalham em gabinetes de comunicação conhecem perfeitamente o trabalho jornalístico e assim podem antecipar-se às expectativas dos jornalistas e apresentar a eles documentos perfeitamente produzidos que facilitam o trabalho do jornalista. Mas isto tem um resultado: a fonte praticamente escreve a notícia, (p. 190) (tradução nossa)⁶

Sigal citado por Santos (1997) distingue três canais por onde a notícia chega até o jornalista, são eles os canais de rotina, os canais informais e os de iniciativa. Os canais de rotina incluem os acontecimentos oficiais, julgamentos, debates parlamentares e campanhas eleitorais; “press-releases” e relatórios; conferências de imprensa, encontros diários de porta-vozes oficiais e jornalistas, entrevistas difundidas; acontecimentos não espontâneos, caso de discursos e cerimônias. Já os canais informais incluem os encontros reservados e restritos; as fugas de informação; os processos não governamentais, como encontros associativos ou convenções sindicais; os relatórios de outras organizações noticiosas, as entrevistas com jornalistas e os editoriais jornalísticos. Os canais de iniciativa incluem acontecimentos espontâneos com um testemunho jornalístico em primeira mão, como incêndios, lutas e desastres naturais, a pesquisa independente envolvendo citações de livros e dados estatísticos e as conclusões ou análises próprias dos jornalistas.

Como percebemos, mais que os critérios listados por Erbolato (2003) – a saber: proximidade; marco geográfico; impacto; proeminência, aventura e conflito; conseqüências; humor; raridade; progresso; sexo e idade; interesse pessoal; interesse humano; importância; rivalidade; utilidade; política editorial do jornal; oportunidade; dinheiro; expectativa ou suspense; originalidade; culto de heróis; descobertas e invenções; repercussão; e confidências – outros fatores interferem na escolha de um assunto como noticiável ou não. Como nos conta Sousa (2000) as notícias são

⁶ Texto original: “Las personas que trabajan en gabinetes de comunicación conocen perfectamente el trabajo periodístico y así pueden anticiparse a las expectativas de los periodistas e presentarles dossiers perfectamente confeccionados que facilitan el trabajo del periodista. Pero esto tiene un resultado: la fuente prácticamente redacta la noticia”.



artefatos lingüísticos que procuram representar determinados aspectos da realidade e que resultam de um processo de construção e fabrico onde interagem, entre outros, diversos fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e do meio físico/tecnológico, que são difundidos pelos meios jornalísticos e aportam novidades com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural (ou seja, num determinado contexto), embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor das notícias, (p. 15)

Já Traquina (1999), vê as notícias como o resultado de um processo de produção que consiste em perceber, selecionar e transformar uma matéria-prima, que são os acontecimentos, em um produto, no caso, as notícias. Ele ainda afirma que as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento e os constrangimentos organizacionais que condicionam o processo de produção das mesmas. Para o autor, existe uma multiplicidade de acontecimentos e a questão central do campo jornalístico é justamente definir o que nesta imensidão de fatos é digno de adquirir existência pública.

Wolf (2003) afirma que

a noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – , para adquirir a existência pública de notícia (p. 195).

A noticiabilidade, diríamos, então, está estritamente ligada à dinâmica de produção. Não são as características do acontecimento sozinhas que vão definir se ele vai se transformar em notícia. As rotinas produtivas também interferem na seleção dos fatos que serão veiculados. Isso quer dizer que se acontece um acidente com três mortes em um determinado local, faltando meia hora para um jornal ir ao ar e, mais cedo, aconteceu um evento com a presença de políticos, onde nada de novo foi anunciado, mas que por ser programado, um repórter foi deslocado, certamente o evento será notícia, enquanto o acidente, que seria mais importante do ponto de vista jornalístico, não terá espaço neste mesmo noticiário. Percebemos, com isso, que outras razões influenciaram na seleção do evento como mais noticiável que o acidente, além dos simples critérios de noticiabilidade. Essas outras razões têm relação com o que Wolf (2003) afirma, que a noticiabilidade de um acontecimento varia de acordo com o grau de integração que ele tem com o andamento normal e rotineiro das fases de produção jornalística.

Para Traquina (1999), os jornalistas sabem que as fontes de informação não são desinteressadas e para que eles acreditem nessas fontes é preciso que elas provem a sua credibilidade. Vale notar que muitas vezes é a posição da autoridade que confere a tal credibilidade às fontes. Assim, as pessoas que têm maior autoridade e contatos mais regulares com os jornalistas são favorecidas no processo de produção da notícia. Traquina diz que uma das conseqüências da dependência sobre os “canais de rotina” é que as fontes não terão o mesmo acesso aos meios de comunicação e assim, esse acesso acaba se tornando um bem “estratificado socialmente”. Outra conseqüência é o estabelecimento de uma interdependência entre jornalistas e fontes. A terceira conseqüência é que, com essa dependência, uma parte considerável das notícias produzidas terá como fonte profissionais no “negócio” de lidar com o mercado jornalístico. Juntando acesso, com interesse e com a correria do trabalho jornalístico, as fontes oficiais se tornam então fontes cada vez mais presentes nos noticiários.

Os acontecimentos locais e policiais

A editoria de Cidade, como nos conta Rodrigues (2002), é “a seção mais identificada com o cidadão comum, independente de classe social, do grau de instrução ou do endereço residencial”, (p. 80). É por isso que a editoria mais democrática de um jornal tem uma nítida vocação para a prestação de serviço. O autor afirma que para escrever para Cidade é preciso ter um cuidado especial com o calendário dos principais eventos que ocorrem no município, sejam eles religiosos, educacionais, acadêmicos, empresariais, culturais, de entretenimento ou de cidadania, ou seja, ele já chama atenção para a ligação com o programado da editoria. Já a reportagem policial, continua sendo, para Rodrigues, um dos pilares do jornalismo.

Nosso estudo se baseou na análise de conteúdo quantitativa de uma amostra estratificada de doze edições do Estado de Minas. A seleção se deu em função do que Stempel concluiu em uma pesquisa realizada com amostras de 6,12,18, 24 e 48 números de um jornal durante um ano (STEMPEL apud SOUSA, 2006). Segundo o autor, “uma amostra de mais de doze exemplares não aumenta significadamente a exactidão da aferição”, (p. 668).

Para este trabalho apenas dados iniciais da pesquisa, que se estenderá até o começo de 2007 e que tem o objetivo de identificar detalhadamente quais as vozes presentes nos maiores jornais impressos do país, foram analisados. A amostra englobou

188 notícias, entre notas e reportagens, do caderno nomeado de “Gerais”, onde estão incluídos as notícias locais e os acontecimentos policiais. O Estado de Minas foi criado em 1928 por Assis Chateaubriand e faz parte do grupo dos Associados. Como nos conta França (1998), o Estado de Minas é sem dúvida a referência jornalística mais importante do estado. Hoje em dia, é o jornal mais vendido da categoria (onde não se incluem jornais tablóides, do tipo sensacionalista).

Dividimos os acontecimentos de forma diferenciada a utilizada por Molotch e Lester (1999), que além dos acontecimentos de rotina, definiram também como sendo categorias de acontecimentos os escândalos, os acidentes e os acasos. Nossa divisão é a seguinte: os acontecimentos de rotina, onde se encaixam aqueles eventos programados e promovidos pelas fontes; os produzidos por iniciativa dos jornalistas, onde se encaixam não só os escândalos, mas também possíveis fatos identificados no cotidiano como noticiáveis pelos profissionais das redações, como, por exemplo, matérias comportamentais; os eventos inesperados, onde estão os acidentes e outros acontecimentos não programados para ocorrer, como os crimes; as notícias institucionais do próprio veículo, que se fizeram presentes em alguns exemplares da amostra, por exemplo, através de notas sobre visitas de estudantes à redação do jornal; e as crônicas, produzidas e pensadas por seus autores.

Neste universo, a análise da editoria de Cidade indicou o seguinte contexto:

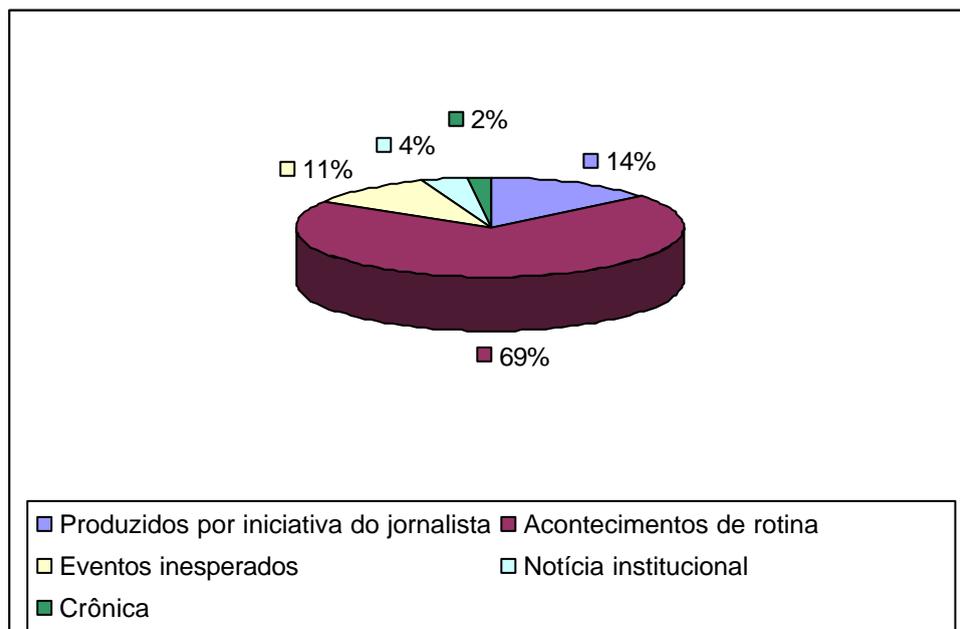


Gráfico 1: Acontecimentos do caderno de Cidade

Como podemos perceber, há uma grande incidência de acontecimentos de rotina (69%), tais como inaugurações, lançamento de programas sociais, ações judiciais, divulgação de pesquisas, eventos de datas comemorativas, manifestações, etc. Os dados confirmam o que outros autores já haviam apontado: a grande maioria das notícias dos jornais são promovidas e não mais descobertas pelo faro jornalístico. E como disse Neveu (2003), não que os profissionais da imprensa não tenham mais este atributo, mas as assessorias de imprensa facilitaram o trabalho nas redações. E diante desta facilidade, os jornalistas começaram a produzir em cima de conteúdo feito para seduzi-los. Vê-se que muitas vezes o preconceito que certos profissionais têm com relação ao assessor de imprensa, dizendo que ele não se trata de um verdadeiro jornalista, não tem procedência. Eles estão cada dia mais produzindo informações de interesse público e participam cada vez mais do processo de *newsmaking*⁷. Isto porque, dizer que um acontecimento é de rotina, não o desqualifica como evento noticioso. Em muitos casos, o jornal presta um serviço, como vocação da própria editoria, através de um fato programado, como, por exemplo, a inauguração de um posto de saúde.

No caderno de Polícia, o que percebemos é uma inversão das informações. O que reina são os acontecimentos inesperados:

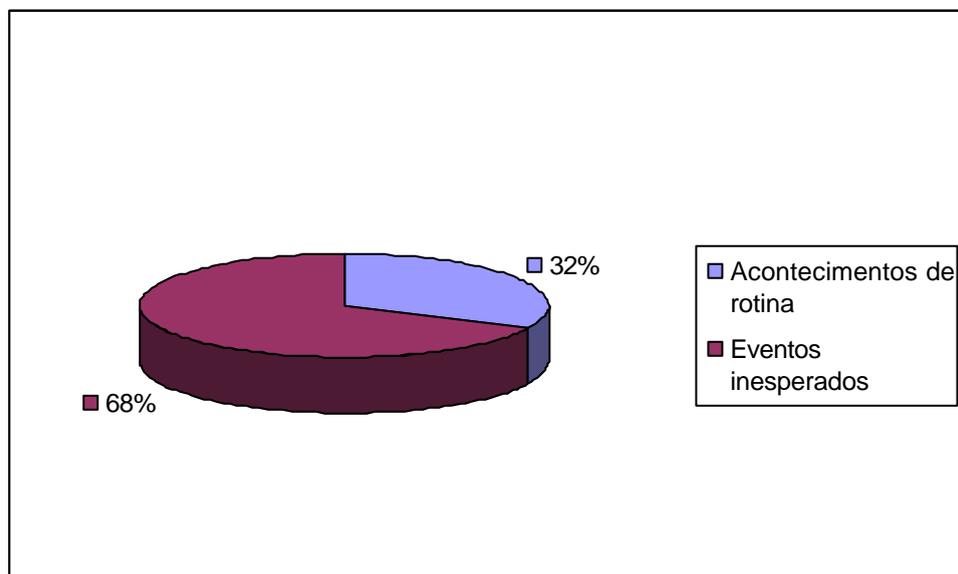


Gráfico 2: Acontecimentos do caderno de Polícia

⁷ O termo *newsmaking*, se traduzido ao pé da letra, designa a forma como as notícias são feitas. E esse conceito é muito próximo do que devemos entender por *newsmaking*. Essa palavra é usada para explicar o modo como se dá o processo de produção das notícias.



Nesta editoria, não temos notícias pensadas pelos próprios jornalistas porque o conteúdo é quase em sua totalidade composto por acontecimentos factuais e os profissionais, então, não produzem de forma mais investigativa a pauta, apenas cobrem o fato que tem sua potencialidade noticiosa na própria descrição de como ele ocorreu. Os acontecimentos de rotina ainda sim têm espaço mesmo na editoria, por exemplo, através de apresentações promovidas pelas delegacias, através das operações programadas das polícias ou mesmo através de transferências de detentos de prisões superlotadas.

Percebemos com esta análise inicial que assim como é apontado, os acontecimentos de rotina têm ganhado muito espaço no jornalismo contemporâneo. Mas é perceptível também que a editoria de Polícia ainda guarda resquícios daquela velha conceituação de notícia como o extraordinário. Entretanto, é importante ressaltar que mesmo os acontecimentos que ocupam o espaço da editoria de Polícia, mesmo que não programados, são transmitidos, na maioria das vezes, pelas equipes das assessorias de imprensa da Polícia Militar, Polícia Civil e Federal.

Enfim, percebemos que atualmente não só os jornalistas fazem o papel de *gatekeepers*⁸, como também as fontes institucionais, sobretudo as oficiais, responsáveis pela grande maioria das vozes presentes no jornalismo participam ativamente deste processo de construção. Ressalta-se assim o que afirma Anthony Giddens:

O jornalismo realiza-se, cada vez mais, num quadro de ‘altas pressões’ e não é nem mero produto de determinações externas ou organizacionais nem agente social que actue sem fortes amarras e constrangimentos. Aquilo que ele é, faz-se num jogo complexo de interações e de poderes, numa ‘diáletica do controlo’ que assenta em relações de autonomia e de dependência (GIDDENS apud PINTO, 1999, p. 07)

Referências bibliográficas

ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. Barcelona, Espanha: Paidós, 2005.

CHAPARRO, M. C. **Jornalismo na fonte**. In: DINES, Alberto; MALIN, Mauro (orgs.). **Jornalismo Brasileiro: no caminho das transformações**. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

⁸ O termo *gatekeeper* foi criado por White (1950) para demonstrar que as informações passam por “portões” controlados por “porteiros” até se transformarem em notícias. O jornalista teria assim um papel individual na seleção e configuração dessas notícias como um desses “porteiros”.



DUARTE, Jorge, **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**. 2. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2003.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

ERICSON, R. V; BARANEK, P. M; CHAN, J. B. L. **Negotiating control: a study of news sources**. Toronto, Canada: University of Toronto Press, 1989.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Manual dos jornalistas em assessoria de comunicação**. Brasília, 1999.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

HALL ET AL. **A produção social das notícias: o mugging nos media**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Ed. Vega, 1999.

MAFEI, Maristela. **Assessoria de imprensa: como se relacionar com a imprensa**. São Paulo: Contexto, 2004.

MEDITSCH, E.;SEGALA, M. **Vozes do povo e vozes do poder: uma análise dos atores das notícias do principal telejornal brasileiro**. In: Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC. Disponível em < <http://prisma.cetac.up.pt/>> Acesso em 30 abr. 06. Porto: Editoração Eletrônica CETAC – Universidade do Porto, 2005.

MOLOTCH, H; LESTER, M. **As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Ed. Vega, 1999.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2003.

PINTO, M. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo**. In: III Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, Braga, Portugal, 1999. Disponível em 23 nov 05 em <<http://www.ics.uminho.pt/dcc/doc/mpinto/fontes.htm>>

RODRIGUES, Ernesto. **Em cada editoria um desafio diferente**. In: CALDAS, Álvaro (org.). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra, Portugal: Editora MinervaCoimbra, 1997.



SOUSA, J.P. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra, Portugal: MinervaCoimbra, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2. ed. Porto, Portugal: Editoração Eletrônica BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 12 jun 06.

TRAQUINA, Nelson. **As notícias**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa, Portugal: Ed. Vega, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003